

RESENHA

TRIGO, Maria Helena Bueno. *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. São Paulo: Annablume, 2001. 94 p.

Ethel V. Kosminsky

A autora, psicóloga e psicanalista, doutora em sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e pesquisadora filiada ao Centro de Estudos Rurais e Urbanos, há muito vem se preocupando com a questão das relações familiares e de gênero. Em um trabalho anterior já havia tratado das “representações de família elaboradas por mulheres pertencentes a duas classes sociais distintas e a duas gerações (mães e filhas)”.¹ (Brioschi e Trigo, 1989)

Na atual publicação, originalmente apresentada como dissertação de mestrado ao Departamento de Ciências Sociais da referida universidade, Maria Helena Bueno Trigo, tendo como base a sua experiência de psicóloga/psicanalista, enriquecida pelo *approach* sociológico da teoria de Bourdieu e pela sua própria experiência como pesquisadora, busca através do estudo do grupo social formado pelos descendentes dos cafeicultores paulistas, os chamados “barões do café”, ou seja, os “paulistas de 400 anos”, responder a uma série de indagações que têm como fundamento a “articulação entre as noções de indivíduo/família/sociedade”.

Muito embora seja uma publicação científica, o trabalho de Maria Helena Bueno Trigo distancia-se dos padrões usuais da academia pela leitura agradável que proporciona. Dona de um estilo claro e saboroso, a autora nos convida a compartilhar da vida de homens e mulheres que nasceram, foram criados e casaram-se nas primeiras décadas do século XX, encontrando-se na faixa dos 70 aos 80 anos de idade, na época da coleta dos seus relatos. Tendo como preocupação central verificar como o grupo enfrentou a trajetória descendente, resultado das transformações sociais da década de 1920, focaliza os mecanismos utilizados pelo grupo para a sua reprodução social.

Nesse sentido, a autora mostra a preocupação do grupo em seguir os padrões de comportamento da aristocracia européia e as contradições daí decorrentes. Assim, ela aponta que muito embora a construção das casas e o seu mobiliário, na cidade de São Paulo, onde as famílias residiam e ainda permanecem, mostrassem a influência européia, subsistia um *habitus* herdado de um passado austero. A própria cozinha é um exemplo do pouco requinte das famílias de cafeicultores.

1 BRIOSCHI, Lucila Reis; TRIGO, Maria Helena Bueno. *Família, representação e cotidiano: reflexão sobre um trabalho de campo*. São Paulo: CERU/CODAC/USP, 1989. 94p. (Textos, série 2, v. 1).

O empobrecimento dessas famílias, afirma Maria Helena Bueno Trigo, as leva a viver em um mundo de aparências e a elaborar um código de conduta que favorece o casamento endogâmico e o estreitamento das relações internas ao grupo. Passaram a utilizar o termo “verniz cultural” para descrever aqueles que não tiveram “berço”, isto é, os imigrantes que se enriqueceram com a indústria e o comércio e que procuravam então adquirir bens culturais.

É dentro dessa atmosfera que a autora destaca a posição da mulher. A educação que recebiam tinha como objetivo a ampliação do capital familiar, depois de casadas. Aprendiam a assumir responsabilidades dentro dos padrões vigentes ao grupo e a zelar pela transmissão da herança cultural aos filhos, observando que os bens materiais e culturais permanecessem entre os seus “iguais”.

Interessante a observação realizada a respeito das diferenças entre o discurso masculino e o feminino. Os homens pelo fato de serem destinados à vida pública, tinham como centro do seu discurso a formação acadêmica e a ocupação profissional, já as mulheres destacavam a educação recebida em casa e nos colégios. Mostra a autora que a frequência aos cursos superiores não representava um novo projeto para os filhos da elite cafeeira e sim o prosseguimento da dominação tradicional, com a inclusão do capital cultural.

Este livro que, em forma de dissertação, vinha sendo utilizado pelos pesquisadores do tema família, torna-se agora acessível aos leitores, tanto para aqueles que trabalham com o assunto, como para aqueles interessados na formação da cidade de São Paulo e nas alterações internas à classe dominante e no relacionamento desta com o novo personagem da época, os imigrantes enriquecidos. Enfim, no dizer do tempo de dantes, trata-se de um primor de livro.